

01. Unicórnio*Silvio Rodriguez*

Meu Unicórnio azul, aquele que era meu / Pastando eu o deixei e desapareceu. / Qualquer informação, decerto eu vou pagar / As flores que deixou não me querem falar. / Meu Unicórnio azul, ontem desapareceu / Não sei se me deixou, nem sei se se perdeu / Mas eu não tenho mais que um Unicórnio azul / E se alguém souber dele, que dê uma informação / Cem mil ou um milhão eu pagarei / Meu Unicórnio azul / Ontem desapareceu. Adeus / Meu Unicórnio e eu, fizemos amizade / Um pouco com Amor, um pouco com Verdade. / Com o seu chifre de anil, pescava uma canção / Sabê-la repartir tinha por vocação. / Meu Unicórnio azul, perdi o rasto seu / E pode parecer até um "fado" meu. / Mas eu não tenho mais que um Unicórnio azul, / Mesmo que fossem dois, eu só queria aquele. / Cem mil ou um milhão eu pagarei. / Meu Unicórnio azul / Ontem desapareceu... Adeus...

02. Mistérios do fado (Intro)*Manuel Paulo***03. Mistérios do fado***João Monge – Manuel Paulo*

Andam passos na calçada / Que me acordam. Quem será? / Uma sombra na fachada / Decerto não vem por nada / Sabe Deus ao que virá / A sombra de mão em riste / Perguntou-me se sabia / Como há gente que resiste / A cantar quando está triste / E a chorar de alegria / Na teia da Criação / Alguém deu um nó errado / Eu respondi-lhe que não / Os nós da contradição / São o mistério do Fado / Tocou-me o rosto e sorriu / De um jeito que não esqueci / No mesmo passo partiu / O vento ficou mais frio / Deitei-me e adormeci.

04. Orfão de um sonho suspenso*Fernando Pessoa – José Cavalheiro*

Ditosos a quem acena / Um lenço de despedida / São felizes têm pena / Eu sofro sem pena a vida / Dê-me até onde penso / E a dor é só de pensar / Órfão de um sonho suspenso / Pela Maré a vazar / E sobe até mim já farto / De improficuas agonias / No cais de onde nunca parto / A maresia dos dias.

05. Coração bateu três vezes*Sérgio Godinho – José Marques*

Eu nasci quando este fado / Que é chamado triplicado / Já andava pelo seu pé / Agora que vou cantá-lo / Transformá-lo, repitá-lo / Saberei melhor quem é / Era um fado que em Alfama / Cada dama tinha a fama / De três vezes o cantar / Desciam o casario / E junto ao rio, ao desafio / Desafiavam o luar / Coração bateu três vezes / E há já meses, por reveses / Que não vêm agora ao caso / Que não batia tão forte / Muda o porte, vira a norte / E não voa já tão raso / Mas dos 3 beijos que me deste / Logo lesto retiveste / Conclusões precipitadas / Se por ser mulher sou tua / Desce à rua, continua / Que outras há p'ra ser amadas / Assim cantavam aquelas / Que às janelas, aguarelas / Penduravam numa aragem / E é por isso que este fado / Que é chamado Triplicado / Segue em mim sempre viagem.

06. Veste de noite este quarto*António Lobo Antunes – Vitorino Salomé*

Meu amor quando eu me for / Veste de noite este quarto / Não há amor se o amor / Não há amor se o amor / For de dia porque parto / Meu amor quando eu vier / Veste de dia esta lua / Quero um corpo de mulher / Uma candeia a morrer / E um barco do mar na rua.

07. Penélope*Carlos Tê*

Penélope costura junto ao molhe / Pergunta por Ulisses aos marujos / Nenhum ouviu falar / Ninguém o viu no mar / Dentro da sua cesta há um novelo / De lã e de madeixas de cabelo / Do qual tece um lençol / Que desfaz ao deitar / Prometeu acabá-lo / Quando Ulisses voltar / Ulisses está perdido entre as ilhas / Prisioneiro do canto das sereias / Não encontra o caminho / Entre águas e areias / Na treva do mar / Não se acendem candeias / Penélope é mãe irmã e noiva / Senhora do engenho da costela / De Adão até Ulisses / Nada mudou para ela / Penélope pede contas aos astros / Manda recados cifrados nos mastros / E acende luzernas do mais puro azeite / E veste-se de branco casto / Sem nenhum enfeite / Ulisses está perdido entre as ilhas / Prisioneiro do canto das sereias / Não encontra o caminho / Entre águas e areias / Na treva do mar / Não se acendem candeias / Penélope cansada do lençol / Já feito e desfeito até cansar / Decidiu partir / E conhecer o mar / Penélope quebrou a tradição / Da mulher que não parte e não viaja / A Grécia já lá vai / Roma também já foi / E agora ela navega / Sozinha e sem herói / Ulisses chegou cansado e velho / Penélope não estava à sua espera / Tornou-se uma esquecida / Em busca de Odisseias / Ulisses está perdido / Não tem quem lhe coza as meias.

08. Adeus ao vento*Vitorino Salomé – Carlos Damaia*

Vi-te passar apressado / E nem olhaste p'ro lado / Quando o lenço te acenei / Tinhas no andar firmeza / De quem encontra as certezas / Que eu procuro e não achei / Sei que vais partir do cais / Nunca sabes onde vais / Mas voltas sempre a Lisboa / Estou cansada desta rua / E não sei quando voltares / Se sou doutro ou ainda tua / Doutro não serei talvez / Vou esperar mais uma vez / P'la primavera das flores / Para decidir se parto / Ou se fico no meu quarto / À espera dos teus amores / Ao sol-pôr todas as tardes / Quando tocam as trindades / Chega-me um pressentimento / Ir-me embora com a noite / Encontrar a minha sorte / Depois voltar com o vento.

09. Ciúmes de um coração operário*Vitorino Salomé*

Da minha vida um rosário / De queixas tenho a fazer / Subi a rua ao contrário / Do desejo de te querer / Ora te sinto a meu lado / Ou tão longe como o mar / Se coração apertado / Logo solto a esvoaçar / Não quero ver na minha rua / A ladeira do calvário / Prefiro rasgar a ganga / Do teu coração operário.

10. Algum dia*Jorge Palma – Fontes Rocha*

Trazes pressa no olhar / Trazes rugas junto à lua / Promessas de não faltar / Naquela esquina da rua / És um homem perseguido / Pelo medo que te apavora / Hora a hora mais sentido / No amor que te devora / Aprendi a amar-te assim / És meu fado hoje e sempre / Querido à beira do fim / Quase a tempo atentamente / E damos voltas no chão / Até que a luz fica fria / De não em sim, de sim em não / Hás-de ser meu algum dia.

11. O ás da sueca*João Monge – Alfredo Duarte*

Era um mago da sueca era doutor / Tinha as manhas do encarte no olhar / Não havia em seca e meca e ao redor / Quem o batesse na arte de encartar / Às vezes com a "mão morna" disparava: / Aposto de uma só vez por um tostão / O lumbago e a reforma que esticava / Mais a estátua do Marquês com o leão / Era assim que entardecia no jardim / O baralho já marcado de aventura / Punham-se as cartas em dia e mais no fim / Baralhava-se o passado com ternura / Um dia desapareceu sem avisar / Cumpra-se a sua vontade tem de ser / Deve andar lá pelo Céu a baralhar / Siga o jogo ao fim da tarde e a doer.

12. Só um fado*Carlos tê*

"Sôbolos rios que vão de Sião a Babilónia" / Escrevi esta canção durante as noites de insónia / Mãos geladas nos relentos, ourado pela calentura / Se dobrasse os meus tormentos, jurei cantar a aventura / Estou de volta a este cais que me viu ir e voltar / Daqui já não parto mais, só cá venho recordar / Está-me ne melancolia que meu coração invade / Está na dobra da melodia por onde pinga a saudade / Está nas trovas do Bandarra está nos trinos da guitarra / Pode alguém conter em si tanto menos tanto mais / Só um fado é que podia falar por mim neste cais / Sou um castrenho do Norte, sou moçárabe e judeu / Porque trina é a fonte onde meu coração bebeu / Sonhei que Deus me sorriu e de mim fez seu eleito / Esse ouro me seduziu e eu parti de cruz ao peito / E assim verti meus sais, pela Ásia das monções / Perdi-me nos temporais, fiquei louco nos sertões / Imprimi a minha marca nos quatro cantos do Mundo / Pena foi que a minha barca tivesse que ir ao fundo / Está nas trovas do Bandarra, está nos trinos da guitarra / Ninguém foge ao seu destino, quando o fadinho nos chama / Só um fado é que podia ilustrar bem o meu drama / Nas tabernas da ribeira, cantei a minha canção / E achei-a na fogueira da sagrada inquisição / Por denúncia ou por desgraça, meu coração se perdeu / Fugiu, ardeu pela praça, e triste se envileceu /